

# O SENTIDO DA CULTURA

**Norma Felicidade L. da Silva**  
(Professora do IAC – PUCCAMP)

O homem nunca foi considerado pura e simplesmente um animal. O que se achou, durante muito tempo, fosse o sinal distintivo da humanidade do homem, foi, primeiramente, a consciência de seu ambiente próximo, em seguida distante e, por fim, a consciência de si mesmo.<sup>1</sup>

Por consciência entendia-se a capacidade de impor distância entre si e o mundo, capacidade de separar-se dele, para julgá-lo. Mas o julgamento sempre envolve reflexão, que, por sua vez, envolve representação, o que significa dizer que a relação do homem com a natureza, com outros homens e consigo mesmo nunca é imediata, mas sempre mediatizada pela representação que tem das coisas, idéias, a partir das quais, física ou mentalmente reage.

Então, de maneira genérica, definiríamos **Cultura** como o conjunto de representações que o homem faz de si mesmo e do mundo, e que se constitui dos costumes, de certo tipo de organização social, de produção de obras de arte e dos conhecimentos de ciência; enfim, como sendo a ordem que o homem introduz em sua vida em função do que ele acredita. Por outro lado, o que transforma a **Cultura** é menos o conteúdo da verdade, do que a preocupação em buscá-la.

Todas as sociedades que admitiram que o homem é capaz de pensar, referiram-se a uma realidade perfeita, subjacente às aparências das coisas, que constituiu o objeto de todas especulações, a norma de todos os atos, o ideal de todas as obras, o ponto focal de todas as crenças. Nestas sociedades haviam sábios, cujo grau de sapiência media-se pela explicação a respeito dos mistérios da vida e de princípios que deviam ser impostos aos

homens, como o **Bem**, o **Belo**, o **Verdadeiro** e, à medida que estes princípios fossem perseguidos, maior a possibilidade de se alcançar a felicidade. Perseguí-los, então, como princípios abstratos era menos fácil do que se tomassem concretude na natureza.

Assim, o pressuposto da boa **Cultura** era a de integrar o homem a essa Natureza. Contudo, o homem seguiu escravo de tratados de verdades íntimas, aos quais a Natureza recusou a submeter-se de modo rígido e permanente, o que fez com que se buscasse novas alternativas culturais para retificar, interiormente, o ordenamento do Cosmo. Ou seja, a **Cultura** que se perseguiu tinha como premissa dar coerência ao mundo e ao homem. Querer ser monstro da rígida coerência, eis a pior das incoerências humanas.

Em suma, contrariando a Natureza, os fatos, contrariando a sua própria natureza, o homem quis crer-se uma única pessoa o tempo todo, entregue a um só conjunto de pensamento, seguindo uma só linha de conduta; mas petrificado num rígido sistema filosófico, como a encarnação de um princípio ambulante, o homem viu-se novamente entregue à sua inerente inquietude, e prosseguiu na sua busca, trilhando o processo cultural.

Talvez porque o homem tenha tentado forçar a sua natureza e a natureza de sua cultura em algo mais simples e controlável, veio a recusar a consideração de todos os aspectos, necessariamente numerosos, da realidade, os quais não se deixaram explicar em termos desse sistema, tal como ocorreu com o advento das chamadas sociedades industriais.

Sucedeu que o homem pensou poder dividir o mundo em dois reinos: de um lado, o Homem; de outro a Natureza, que passou a ser massa externa, homogênea, regida não por fins, mas por causas, simples relações constantes entre os fenômenos. A Natureza, então, perdeu o sentido para ele. Mesmo que as coisas da Natureza pudessem permitir, com a previsão, as modificações do ambiente humano, pudemos, a partir daí, apenas constatar-las, e não mais compreendê-las.<sup>2</sup>

## Noção de "Cultura" Comporta Três Concepções Essenciais

Destarte, o homem passou a ser a única realidade significativa num mundo desencantado; ou seja, que, entre as coisas, tiveram sentido apenas aquelas às quais o espírito ou a mão tinham dado forma. Já que não tinha sentido, o universo tornava-se maleável à vontade, visto que se conheciam suas leis, e que nada mais era revestido pelo manto do sagrado (pois que Deus não fora revelado pela Ciência).

Então, começou a ter vulto a idéia de que não só a Natureza era dominável pelo homem, mas também que para se conseguir ser

inteiramente livre em sua humanidade, era **necessário** concretizar esse domínio. Por isso, nas sociedades industriais, a convicção metafísica de que o aperfeiçoamento da espécie humana estava subordinado à vitória sobre tudo o que não era humano no mundo passa a regê-las a ponto de ameaçar-se o ecossistema. Enfim, à ameaça a sobrevivência de todas as espécies, parte justamente daquela que se diz racional, e que destrói em nome da razão, o que é, no mínimo, um paradoxo.

A partir dessa idéia, a noção moderna de **Cultura** comportou três concepções essenciais:

1. A **Cultura** tomou uma acepção mais estreita, designando, antes, um certo setor de nossa civilização, tomando um caráter estritamente ornamental, opondo-se à Ciência, como o supérfluo ao necessário;

2. A **Cultura** seria um simples divertimento, um "tempero" a se colocar na existência rotineira e banal de todos os dias;

3. E a **Cultura** tornou-se, ainda, a "expressão do eu", a livre criação, a opção original; como sendo um hino de subjetivismo. Uma das críticas lançadas contra esta noção de **Cultura**, consiste em querer ver nela um simples sinal de prestígio social.

Em ambos os sentidos, fica implícita a idéia de que não são todos os homens os fazedores de **Cultura**, mas que uma parcela a cria (como cria a Ciência), e o restante deles passa a introjetá-la.

A rigor, a educação é o aprendizado da **Cultura**. Se não houver aprendizado, a consciência cultural permanece ingênua, isto é, intransitiva, primitiva; mas, à medida em que o homem vai transpondo esse estágio, pode tornar-se não só apto a conviver com o universo cultural que o rodeia, mas também apto a criticá-lo num novo estágio denominado **consciência crítica**<sup>3</sup>, onde a convivência passa a ser coexistência, onde o princípio não está no usufruir o presente, tal como este é dado, mas projetar um futuro distinto daquele.

Contudo, o futuro só poderá estabelecer-se sob condições mais apreciáveis do que antes, se, dessa esperança, emergir, da coexistência entre os homens e entre os mesmos e a natureza, o diálogo, numa experiência vivencial mais rica que possibilite, novamente, a convivência. Mas, para isso, seria necessário superar os dogmatismos e os integrismos: o marxista, o anti-marxista, o cristão, e outros integrismos. Seria preciso trabalhar para que o diálogo descesse do céu das idéias à terra das instituições e das relações vividas. E essa evolução cultural e existencial, às vezes, silenciosa, está em gestação.

## Contradição ou Não?

Diz-se que a educação seria o aprendizado da **Cultura**, e que, numa sociedade de classes, essa educação fatalmente seria a transmissora dos modelos sociais, formando cidadãos que difundiriam idéias políticas

que viriam a consolidar os privilégios e, por isso, reproduzindo a dominação de classe. Enfim, que se desse prosseguimento às tradições, os costumes, à Ciência do passado. Contudo, as novas gerações guerem sempre algo mais além da pura reprodução, querem o incentivo da criação da nova **Cultura**, que brotaria através delas.

Isso não seria propriamente uma contradição, porque não existe contradição entre o conhecimento velho e o conhecimento novo. O novo brota do velho. É contradição, pois, em relação à própria **Cultura**, porque refere-se à mesma unilateralmente: só é **Cultura** o que a elite faz.

Podemos dizer que no Brasil, cuja tradição cultural é elitista e anti-popular, vive-se essa contradição.

Em 1920, houve o primeiro movimento educativo, como instrumento para participação dos trabalhadores na política. Seguirem-se outros movimentos, em 1930/40, na segunda metade da década de 50 e primeiros anos de 1960, para a organização da educação de base e organização popular, pois era consenso geral que um povo organizado era um povo educado.

Porém, esses movimentos nunca surtiram efeitos políticos. Em 1980, na reunião anual da SBPC, deliberou-se fazer um movimento de renovação da educação, sem precedentes na história do Brasil, mas, apenas, deliberou-se...

Por isso, a educação pretendida como ideal, jamais se viu abalada, no Brasil, tendo que ter contato com a cultura popular.

Em nossa sociedade, hoje, a educação caiu na ideologia da profissionalização, supervalorizando os meios, as técnicas, em detrimento dos fins. Ao nível, por exemplo, do uso do material didático apresentado, busca-se no aluno uma atitude de passividade.

Com isso, temos uma visão da cultura popular como sendo bárbara, primitiva e, portanto, indigna de ser transmitida ou sequer vislumbrada. Se isso for resultante da transmissão de culturas alienígenas, talvez explique o porque se tenha tão pouco sentimento de brasilidade, de civismo, correndo nas veias do povo; porque só se ama e defende o que parece ter valor. Pois as elites desconhecem como legítimos valores que não objetivem o desenvolvimento nacional, fruto da industrialização, filho da ciência, que desmistificou o mundo e transformou toda a experiência cultural em algo que, no fundo, causa mal-estar ao homem, porque não o completa mais, porque não põe mais sentido na sua existência.

E a cultura popular seria diferente? Acaso o apregoamento de uma visão diferenciada do mundo, calcada em crenças, ritos-também advindos de outras regiões; do que as verdades científicas, podem trazer ao homem maior sensação de inteireza?

Sendo a resposta negativa, necessário, pois, seria conhecer os modelos passados, e aqueles tirados da própria realidade brasileira. Qual corrente de pensamento sairia vitoriosa? Não pode haver vencedor nem vencido quando há emulação entre grupos diferentes e divergentes para a realização do verdadeiro humanismo: o único ganhador será aquele que propuser a mudança que o leve à plenitude do ser.

## NOTAS

(1) O homem tem sentido de si mesmo porque tem autoconsciência. "Por esta autoconsciência tomo contato com a patência do ser, com a verdade que reconheço como imutável, eterna, transcendente. Meu afã de plenitude subsistencial é estimulado pela verdade inesgotável para a qual se abre o meu ser. Habito na finitude mas sinto-me chamado por uma verdade e uma vida infinitas que me fundam e me transcendem. Não se trata de uma verdade imanente, mas presente com 'interioridade objetiva', como diria Sciacca. Os caracteres imutáveis e absolutos dessa verdade me estão dizendo claramente que ela não se pode originar nos seres exteriores e contingentes. A própria legalidade dos juízos está alicerçada na verdade absoluta". (Basave del Valle. **Filosofia do Homem**. São Paulo, Ed. Convívio, 1975, p. 11).

(2) Há uma diferença importante entre ciências da cultura e do espírito. Henri Rickert (**Ciência Cultural e Ciência Natural**) atenta no valor incorporado pelo homem, na natureza, enquanto William Dilthey (**Introdução às Ciências do Espírito**) insiste nos aspectos genésico e metodológico. Daí ser a psicologia, para Rickert, uma ciência natural, e para Dilthey, uma ciência do espírito. Inegavelmente, mais que a qualquer outro, é a Dilthey que ficamos a dever a autonomização das ciências culturais (do espírito) em relação às ciências naturais, não só no que se refere a métodos, mas também no que toca a hierarquias.

(3) "Consciência crítica não é nenhum dote artístico, cujo exercício pressupõe qualidades prévias. Para a consciência crítica todos já possuímos a base indispensável: existir como ser humano, livre e inteligente. Mas não é dado a todos, por circunstâncias culturais, poder desenvolver esse germe através de exercícios, de um processo de verdadeira conscientização e politização". (J. B. Libânio. **Formação da Consciência Crítica**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983, p. 148).

